

**AS TELAS E OS PROFESSORES DE
HISTÓRIA: MEMÓRIAS DE AUDIÊNCIA
SOBRE A CRISE POLÍTICA BRASILEIRA¹**

THE SCREENS AND THE HISTORY
TEACHERS: AUDIENCE MEMORIES
OF POLITICAL CRISIS IN BRAZIL

Cássia Palha²

1 Este texto é parte integrante da pesquisa intitulada "A televisão nas memórias de professores de História", financiada pela CAPES (PROCAD) e pela FAPEMIG e desenvolvida junto ao Laboratório de Imagem e Som (US/DECIS/UFSJ).

2 Doutorado e pós-doutorado em História Social pela UFF. Professora Associada da Universidade Federal de São João del Rei (MG) e de seu Programa de Pós-graduação em História. E-mail: cassiapalha@ufs.edu.br. A pesquisa teve como equipe de trabalho os bolsistas de iniciação científica Humberto Viana, Wellington Marques e Cátia de Oliveira.

Resumo

Este artigo faz parte de uma pesquisa mais ampla - baseada na história oral temática (ALBERTI, 2005) e no mapeamento de assistência (BARBERO, 2001) - sobre as trajetórias da audiência televisiva de um grupo de professores de história, cuja geração (SIRINELLI, 2006) acompanhou a popularização da televisão no país. As entrevistas foram realizadas entre os anos de 2015/2016, num conturbado contexto, tangenciado por uma grave crise política que desembocou no golpe parlamentar que depôs a presidente Dilma Rousseff. O recorte desse trabalho contempla as memórias de audiência dessa recepção mais recente, em que o tempo presente dessa crise política era imediatamente vivenciado como história através dos noticiários da grande mídia e, em particular, pelas telas da televisão. Os professores foram abordados na pesquisa como pertencentes a um grupo qualificado de apropriação midiática (Orozco, 2014) a partir do universo de compartilhamento de seu habitus profissional (BOURDIEU, 1990). Na análise das narrativas ficou evidente o caráter culturalizado da recepção do grupo, em especial, pelo crivo formativo do conhecimento histórico como ciência. Sobressaíram-se nesta direção, memórias marcadas pelo domínio de um sentido temporal denso e problematizador, num nítido exercício de busca por inteligibilidade frente à massificação, a imediatez e a efemeridade das notícias. Nas lembranças, as experiências subjetivas seguiram ao lado de uma reiterada crítica a elementos dominantes próprios do discurso telejornalístico, em particular, aqueles voltados para a sua perspectiva cognitiva (veracidade) e ética (isenção).

Palavras-chave: televisão - memórias de audiência - professores de história - crise política

Abstract

This paper is part of an extensive research - based on thematic oral history (ALBERTI, 2005) and on map of mediations (BARBERO, 2001) - approaching the trajectories of the television audience of a history teachers group whose generation (SIRINELLI, 2006) lived the time of popularization of television in the country. The interviews were carried out during the years 2015-2016, in a troubled context marked by serious political crisis that triggered the parliamentary coup through which President Dilma Rousseff has officially been impeached. The selection performed for this study encompasses the audience memories from this most recent reception, in which the present time when this political crisis took place was immediately experienced as history through news of the mainstream media and in particular through television screens. The teachers were approached in this study as belonging to a qualified group of media appropriation (OROZCO, 2014) in a universe where agents share their professional habitus (BOURDIEU, 1990). In narrative analysis, the cultural character of group reception became evident, in particular through the evaluation of historical knowledge as a science. Memories marked by a dense and challenging temporal sense were emphasized, in a quest for intelligibility despite massification, immediacy and ephemerality of news. In recollection process, subjective experiences followed a constant criticism of dominant elements associated with television news, mainly the aspects oriented towards cognitive (veracity) and ethical (exemption) perspective.

Keywords: television - audience memories - history teachers - political crisis.

³ Visando preservar os narradores como profissionais da área de ensino, os nomes dos professores foram substituídos por pseudônimos, mantendo-se igualmente o anonimato na disponibilização pública das entrevistas junto ao acervo do Laboratório de Imagem e Som (LIS/UFSJ). Ao longo do texto, a referência da fonte por professor(a) será citada uma única vez, em sua primeira inserção.

⁴ A pesquisa mais ampla da qual derivou este artigo percorreu o conjunto das operações práticas da história oral: 1) agendamento e realização das entrevistas com roteiro temático semi-estruturado; 2) autorização formal dos participantes através da Carta de Cessão (aprovada juntamente com o projeto de pesquisa pelo CEPES da UFSJ /CAAE 54440416.0.0000.5151. Parecer Nº 1.613.565); 3) transcrição e análise das narrativas; 4) disponibilização do material das entrevistas ao público através do acervo do Laboratório de Imagem e Som da Universidade Federal de São João Del Rei (LIS/UFSJ). No mapeamento do perfil de audiência, os professores responderam a um roteiro de perguntas sobre a programação geral da televisão aberta e preencheram quadros interativos de assistência/avaliação dos programas televisivos.

⁵ Para além de um marco de idade, o conceito de geração é aqui apresentado como um sinalizador da experiência social de um passado em comum, envolvendo representações e comportamentos divididos por grupos históricos de uma mesma época.

O debate em oitenta e nove do Lula com o Collor foi vergonhoso... aquilo doeu! E a cobertura que a Globo fez dos protestos contra a Dilma esse ano foi indecente. A emissora largar mão de novela, de Faustão, de Ana Maria Braga pra passar protesto, chamar as pessoas pra rua? Aquilo ali é indecente, sabe?! (ELIS, 2016)³

A narrativa acima é parte integrante de um trabalho mais amplo de história oral temática (ALBERTI, 2015)⁴ focado nas trajetórias da audiência televisiva de um grupo de professores de história. Memórias de professores de uma geração (SIRINELLI, 2006)⁵ que cresceu durante a ditadura militar, vivenciando a popularização da televisão no país. Um período, ainda muito longe da universalização de sua educação formal, na qual as famílias brasileiras foram aos poucos aprendendo a se conhecer e a se reconhecer pelas telas da televisão. Na chamada transição democrática, pode-se dizer, na feliz expressão do sociólogo Otávio Ianni (2000), que a televisão já representava uma poderosa “ágora eletrônica” dentro do país, passando a se relacionar de forma privilegiada

com seu público, visto a partir de então não apenas como público consumidor, mas também como eleitor dos futuros quadros políticos do cenário nacional. Como esses professores se posicionariam frente à influência cultural e política da televisão no Brasil? Como rememoraríamos suas trajetórias como telespectadores? Quais fatos da história política recente mediados pela televisão teriam marcado esses profissionais? Essas foram algumas das perguntas mobilizadoras do início da pesquisa que foi realizada entre os anos de 2015 e 2016, período conturbado de uma crise política que desembocou no segundo caso de *impeachment* da Nova República. Entendendo as memórias como uma “reconstrução intelectual e psíquica do passado no tempo presente” (ROUSSO, 2002, p.95), destaco que no transcorrer das entrevistas os revezes desse contexto foram particularmente emblemáticos. A crise política não só fundamentou as rememorações de experiências mediadas pela televisão, como

tornou-se um importante vetor da relação estabelecida entre a equipe de pesquisadores e os narradores do grupo. Antes mesmo do gravador ser ligado, nossas conversas não raro se iniciavam com os professores dividindo suas preocupações em relação aos rumos do país, frente a parcialidade do telejornal assistido na noite anterior, com mais um novo escândalo político, junto a eventos que poderiam levar à queda de um governo democraticamente eleito, ou ainda, com suas dificuldades na abordagem da crise no cotidiano das salas de aula. O clima de empatia próprio entre aqueles que compartilham o universo de uma mesma profissão marcou os nossos encontros e proporcionaram um olhar mais sensível para o que era dito, silenciado, sentido, contido. Palavras como “dor”, “decepção”, “incerteza”, “absurdo”, foram frequentes nestes instantes e no exercício da escuta ficava clara minha identificação com um tempo vivido como tensão por todos nós. Tensão que parecia alimentar-

se de um espetáculo midiático sem fim, abrindo as portas para um *dever* incerto de nossa história política. Minha imersão neste contexto e as dificuldades do exercício da crítica que também poderiam advir dessa identidade compartilhada com o grupo, fizeram-me perceber que só no enfrentamento das experiências da recepção daquele momento, eu poderia desenvolver efetivamente o trabalho. Passei então a considerar na investigação - recorte específico deste artigo - além das memórias mais recuadas da recepção televisiva que no grupo tiveram início a partir das décadas de 1960/70, também o contato televisivo mais recente dos professores com aquele cenário político corrente, ou ainda, pelas palavras de Pierre Nora (1999, p.183), com esta forma de experiência midiaticizada, que “impõem o imediatamente vivido como história”. Foi preciso ainda ampliar o recorte da recepção pela TV, considerando, mesmo que indiretamente, as novas interações abertas pelo horizonte da internet e de suas redes sociais.

De maneira bem pontual, pode-se dizer que foi um contexto marcado por acirradas disputas políticas, com seus desdobramentos ainda em aberto e mais afeito às análises de jornalistas e cientistas políticos do que dos profissionais de Clio, muito embora manifestos como os da ANPUH, ensaios e organizações de coletâneas promovidas por historiadores tenham se tornado expressivos, como instrumentos de análise e de luta política (MATTOS et.al., 2016; MACHADO, TOLEDO, 2017). Um momento que acabou por canalizar o ativismo dos “novíssimos” movimentos sociais - cujo marco foi as manifestações de rua de junho de 2013 - e a organização ou “reemergência das novas direitas” e sua onda conservadora dentro do país (BUCCI, 2016; DEMIER, HOEVELER, 2016; GOHN, 2017; GALLEGO, 2018). No campo da educação, o *Movimento Escola sem partido* baseado num pensamento ultraconservador ganhava força em sua investida persecutória junto aos professores, buscando criminalizar a liberdade de

expressão dos docentes. Já a crise do capitalismo internacional, iniciada em 2008, desenhava seu contorno mais agressivo na economia brasileira, em contramão ao ensaio da política desenvolvimentista do governo, que passou a afrontar os interesses do sistema financeiro. Manifestações sociais contrárias ao governo arregimentaram-se na onda das acusações de corrupção detonadas de forma seletiva pela *Operação Lava Jato*, unindo a grande mídia à consolidação de um judiciário altamente ideologizado. Seja por inexperiência ou por escrúpulos (MIGUEL, 2016), o governo petista, ao contrário de seus antecessores, não controlou ou deteve as investigações de corrupção em curso. E daí a contradição apontada por Motta (2018, p. 440): ao apostar no fortalecimento das instituições republicanas, o Partido dos Trabalhadores negligenciou sua própria dependência em relação à sua base política, em especial à uma “banda podre movida pelo fisiologismo da velha política”, retroalimentando um movimento

de variantes mais amplas que culminou no golpe parlamentar sofrido pela presidente Dilma Rousseff.

Sobre o grupo, as narrativas e o perfil de audiência

As memórias de audiência podem ser entendidas como expressão daquilo que Pollak (1992, p.2) chamou de “experiências vividas por tabela”. Ou seja, o contato com eventos e fatos que na maioria das vezes não foram vividos pessoalmente pelo indivíduo - neste caso, mediados pela mídia - mas que fazem parte do universo social no qual ele está inserido. Tais experiências estão diretamente ligadas ao tipo de recepção que o teórico mexicano Guillermo Orozco (2014) denominou como sendo de “segunda ordem”. Trata-se de uma recepção baseada no “contato ressoante” e estendido com os registros televisivos a curto e a longo prazo - ao contrário de quem acabou de assistir a um filme, por exemplo - sendo exatamente este o seu ponto de sustentação como

recepção televisiva. Nas palavras do teórico,

Um contato que não é nem imediato nem físico (audiovisual) com a imagem e o relato televisivos, mas ressoante; isto não o torna, porém menos definidor do intercâmbio mediado com a televisão. A recordação, a evocação mental de uma imagem, uma fala ou um roteiro televisivo e a ressurreição de sensações provocadas pela recepção televisiva em outros momentos e lugares da vida cotidiana, colocam os sujeitos novamente em contato com os referentes televisivos. (OROZCO, 2014, p.40)

Pela perspectiva da história oral podemos acrescentar que em tais narrativas as experiências com a mediação⁶ televisiva são convocadas pelas problematizações apresentadas pelo tempo presente dos telespectadores. Nesse processo de produção de sentidos na interação social com o meio massivo, destaco a especificidade da televisão como tecnologia (capacidade de “reprodução do real”) e como linguagem (recursos sonoros e visuais da linguagem audiovisual). Para além do caráter puramente ideológico de seus conteúdos,

⁶ Refiro-me ao conceito de mediação em consonância com os Estudos Culturais Latino-americanos que o abordam, de forma mais ampla, como fonte de criação de sentidos presente na interação social com os meios de comunicação (BARBERO, 2001). Guillermo Orozco (2014, p.64), em particular, usa o conceito como uma categoria de análise empírica, como um conjunto de variados “elementos incidentes de maneira simultânea nos processos comunicativos”, numa perspectiva de múltiplas mediações.

⁷ Cumpre destacar que para Bourdieu (1990), para além dos saberes específicos advindos do espaço formativo acadêmico, os diversos conhecimentos e experiências sociais incorporados como legítimos pelos profissionais durante suas carreiras, também são constitutivos do *habitus* de um grupo.

cada meio opera com mediações técnicas e de linguagem que lhes são intrínsecas e que constituem sentido às experiências que o usuário - no caso, o telespectador - estabelece junto à leitura e ressignificação das mensagens. As memórias da audiência são ainda acionadas através dos variados gêneros e formatos televisivos que foram alvo do consumo, e que por sua vez, possuem “estratégias de comunicabilidade” (BARBERO, 2001) particulares. Analisar a rememoração de uma audiência é considerar essas dimensões, na medida em que elas expressam formas de se estabelecer o elo de contato com a recepção, o “estar” diante das telas. Um processo historicamente constituído, tanto do ponto de vista individual (o telespectador em interação com a TV) quanto coletivo, se partirmos da importância que a televisão adquiriu ao longo da segunda metade do século XX na vida social e cultural do capitalismo tardio. Assim como toda memória individual traz consigo a dimensão de criação e compartilhamento social no qual fomos criados (HALBAWACHS,

1990), as memórias de nossas experiências com as tecnologias também expressam essa dimensão coletiva mais ampla.

Abordar as memórias de audiência pelo prisma de um grupo delimitado, significa considerá-lo como uma “comunidade de apropriação midiática” (OROZCO, 2014), um universo culturalizado capaz de qualificar mais pontualmente a relação de uma mídia com um público em particular. Em nosso caso, um universo de valores, pensamentos e percepções dominantes geradores de práticas sociais partilhadas ao longo da trajetória docente na área de história, o *habitus profissional*⁷ dos narradores deste grupo. Em Bourdieu, o *habitus* corresponde assim, a um

[...] sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas [...] (BOURDIEU, 1983, p. 65. Grifos meus)

Deste modo, o conceito nos permite instrumentalizar uma certa homogeneidade nas percepções, nos posicionamentos e práticas de sujeitos oriundos de uma mesma trajetória social. O grupo da pesquisa foi consolidado a partir de uma aleatória rede de relações entre profissionais de ensino, sendo constituído por dez professores com faixa etária a partir de quarenta anos de idade (a variação de idade do grupo foi de 41 à 55 anos), com licenciatura plena na área de história, seis mulheres e quatro homens, provenientes e atuantes profissionalmente em cidades de porte médio⁸ em sua maioria, e com pertencimento às frações médias urbanas. A formação universitária dos professores deu-se entre as décadas de oitenta e noventa do século passado. A partir disso, podemos inferir sobre um processo formativo marcado pela abordagem das grandes narrativas, de base eurocêntrica, tendo na “explicação do processo histórico um eixo procedimental básico para a ação docente” (MIRANDA, 2012, p.244). Atuantes no ensino

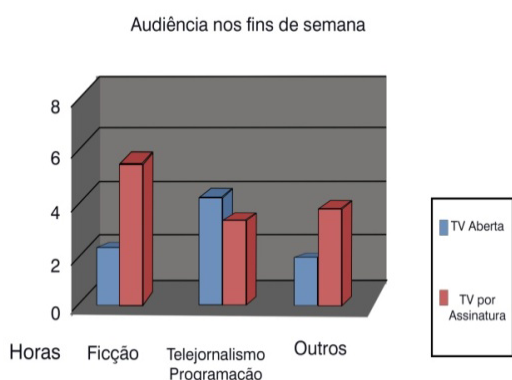
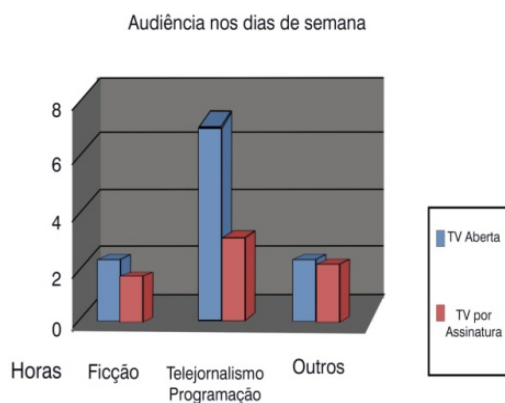
público e privado da educação básica, metade dos profissionais possui títulos de pós-graduação (mestres e doutores), com alguns exercendo ainda atividades de ensino em instituições de nível superior. O envolvimento de professores em projetos escolares, comunitários e identitários (Projeto Musical, Projeto Soul Black do Bem, Oficina de Direitos Humanos, Movimento Negro) mostrou-se expressivo ao lado de simpatias e militâncias junto a partidos políticos do universo das esquerdas, sendo os mais citados o PT (Partido dos Trabalhadores), o PC do B (Partido Comunista do Brasil) e o PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado).

Quanto ao perfil da audiência televisiva do grupo, vou me ater nos limites deste artigo, ao seu cotidiano de assistência geral e na relação pontual dos professores com outras mídias e tecnologias de comunicação. Na maioria das entrevistas, os professores disseram-se afastados de um contato mais assíduo com a televisão aberta. A falta de qualidade de sua programação, aliada à rotina pesada de trabalho

⁸ A maioria dos professores do grupo atuam nas cidades mineiras de São João del Rei e Juiz de Fora. Dos dez integrantes da pesquisa original, um deles não participou do recorte proposto neste artigo.

em horários dispostos ao longo do dia, foram os fatores mais citados para esse distanciamento.

Quadros I e II: Assistência televisiva



Fonte: Banco de dados da pesquisa

Os quadros acima representam o tempo de audiência (em horas) investido no cotidiano geral do grupo, dedicado aos produtos televisivos durante os dias úteis e nos finais de semana, incluindo o campo de **ficção** (telenovelas, seriados, minisséries e filmes), o campo **jornalístico** (telejornais diários locais e nacionais e programas

de reportagens especiais) e o campo **outros** (programas de auditório, de humor, culinária...), contemplando ainda ao lado da TV aberta, a TV por assinatura. Pesquisadores da recepção televisiva têm demonstrado que a diferença social das classes não esgota os usos ou os modos de ver televisão. Segundo Barbero (2001), a competência cultural aliada ao tempo de assistência, ao significado social desse tempo, bem como ao tipo de demanda que os diferentes grupos fazem à televisão também são importantes clivagens a serem consideradas (BARBERO, 2001, p.312-313). O cruzamento destes registros indicou uma assistência fragmentada e pouco afeita à fidelizações por programas, com a exceção do telejornalismo. Assiste-se Tv durante a semana nas brechas dos horários vagos de trabalho e a grande prioridade é a busca por informações. Além de ser o produto mais procurado, o telejornalismo foi o único a mobilizar os três turnos de assistência ao longo do dia numa demanda qualificada pelos professores

como complementar para o próprio exercício profissional. Já nos fins de semana, a audiência busca o entretenimento com o campo “outros” e “ficção” se sobressaindo. Contudo, esse crescimento não está vinculado à Tv aberta, mas a canais pagos e a serviços de plataformas digitais, como a Netflix⁹, que começava a despontar no mercado brasileiro neste momento. No caso do telejornalismo, se ao longo de toda a semana os canais da TV aberta ainda são a principal referência, essa predileção tende a cair aos fins de semana. Para além da procura pelos canais fechados, foram muito citadas as redes sociais e os sites de informação vinculados à posições partidárias e identitárias mais específicas¹⁰, indicando não apenas a busca por uma informação alternativa aos grandes grupos midiáticos, mas também a possibilidade de maior interação com o conteúdo produzido. O telejornal foi ainda considerado o gênero mais relevante da grade, malgrado a pouca confiabilidade que demonstrou possuir entre os professores. Em todas as entrevistas, foram feitas ressalvas

do quanto o telejornal brasileiro é pouco plural e tendencioso. Como as memórias da recepção estão ligadas às características do formato e da linguagem do gênero a que se relaciona, na análise das narrativas foram consideradas as especificidades do telejornalismo como produto midiático, uma vez que a crise política em questão foi particularmente mediada no grupo por meio do telejornalismo nacional.

As telas como poder: da chamada às ruas ao “show de horrores”

Ao longo das narrativas de memória, a palavra mais constante em relação à televisão brasileira foi “poder”. A televisão apareceu como um espaço de poder privilegiado na história política recente e para a maioria dos professores o marco dessa referência foi a manipulação do debate político Lula X Collor em 1989. Com pertencimento ao universo ideológico das esquerdas, foi com tom de pesar que no grupo muitas das entrevistas ou começaram ou se

⁹ Mais da metade dos professores tinham assinaturas de canais pagos e alguns destes começavam a fazer uso da Netflix.

¹⁰ Os sites mais citados foram <https://www.brasil247.com.br>; <https://www.diariodocentro.com.br>; e <https://www.midianinja.org>.

encerraram com manifestações de “autocrítica” - em que não raro a esquerda foi associada a “nós”, “à gente” - sobre o governo Dilma e as acusações de corrupção que a grande mídia passou a veicular contra o Partido dos Trabalhadores. O balanço do cenário político foi praticamente comum entre eles: por um lado, os avanços econômicos e a política social dos governos petistas que retirou milhões da linha de pobreza, e por outro, os casos de aproximação tácita do governo com os quadros da velha política nacional e de seu *modus operandi*, o afastamento do partido de suas bases populares e de uma certa inabilidade política do governo no gerenciamento da crise. Num grupo bastante homogêneo em seus princípios políticos - o que se demonstrou marcante nas narrativas - o principal ponto de divergência entre os professores se deu exatamente num certo fracionamento interno desse campo das esquerdas. Se para alguns professores a reação às notícias despertaram reflexões sobre a necessidade de uma

reestruturação dos rumos do país a partir do Partido dos Trabalhadores, para outros o partido deixou de ser um caminho viável para a luta no universo das esquerdas brasileiras. Juarez, em sua entrevista, ilustra esta tendência, afirmando que “fenômenos como Bolsonaro” explicariam a incompetência da esquerda - pelo caso pontual do PT - no contato com suas bases. Na “troca do debate pelo marketing”, a esquerda teria negligenciado a própria política:

Bolsonaro é um fenômeno que surge por causa da ausência do cumprimento das tarefas que a esquerda tinha que fazer. A esquerda não tinha que se voltar pra marqueteiros, ela deveria se voltar muito mais pro lado mais nobre da política que é o debate. E esse debate não é o debate distanciado, é o debate mais no chão da fábrica, nas ruas, nas praças, ou seja, o de criar um sentimento mais nobre em relação à política e é o que não aconteceu. (...) Então, quer dizer que a gente deixou de fazer política pra fazer marketing. (JUAREZ, 2016)

Já nas palavras de Líneo, a filiação ao PT deixou de lhe fazer sentido. Seu projeto de vida - em que pesa intimamente suas

experiências como militante e professor - junto ao campo das esquerdas precisava, a partir daquele momento, ser revisto:

O PT deixou de ser um partido de esquerda (...) **Então o poder parece que corrompeu algumas lideranças petistas que se venderam ao poder a um preço que eu acho que vai custar muito caro para o partido.** E eu enquanto professor e cidadão que sempre militei na esquerda, hoje eu procuro informações sobre as novas entidades políticas de esquerda que nesse momento se organizam no país. Eu quero me aproximar de uma delas como eu me aproximei do PT e fui filiado a ele durante toda a minha vida, até esse ano, em que eu estou me desligando dele no município. (LÍNEO, 2016)

Líneo foi ainda um dos poucos professores que partiram para um enfrentamento mais direto em relação ao tema da corrupção no partido. De uma maneira mais geral, o discurso midiático sobre a corrupção embalado pela fase ostensiva da Operação Lava Jato, foi recebido no limite da saturação na recepção do conjunto dos professores, gerando um certo afastamento da questão. A maioria deles se limitou a dizer que trocava de

canal ou desligava o televisor nos momentos em que o assunto era veiculado. Longe de ser uma simples fuga a questão, esse afastamento esteve ligado àquilo que Cláudio chamou de uma “falsa moralização da política” fomentada pela mídia. Nesta direção, de formas variadas os professores se disseram “esgotados da hipocrisia” de um reiterado discurso telejornalístico simplificador da realidade:

*Eles [telejornais da Tv aberta] conseguem impor no imaginário popular esse discurso da corrupção, essa falsa moralização da política e que em nome disso você precisa tirar um presidente. A França tem setenta e seis por cento de rejeição do seu presidente e ninguém tira (...). Falar que esta crise é só uma falta de capacidade administrativa e política da presidente Dilma é desviar a questão do grande público, porque a questão política é fundamentada numa crise que está relacionada ao sistema capitalista. O Lula teve um momento favorável em seu governo para dilatar as demandas reprimidas de consumo, e ele o fez muito bem, embora tenha contratado um ministro de orientação liberal (...), mas agora estamos numa franca crise econômica (...) **Então os meios de comunicação pregam entre aspas***

[sinalização com as mãos] essa "moralidade administrativa política", que na verdade não existe porque o Brasil é um país concentracionista em termos de renda. E você vê que é uma minoria que controla todo processo de produção, de especulação financeira, e que impedem as reformas estruturais do sistema (CLÁUDIO, 2016. Grifos meus)

Assim, pelo trecho da entrevista de Cláudio, destaca-se uma outra tendência do grupo: o do exercício por um entendimento mais amplo daquela conjuntura, para além da superficialidade e da massificação dos noticiários. Se nos produtos telejornalísticos a seleção fugaz das notícias que vão ao ar propicia uma visão pontual, fragmentada e por vezes pouco contextualizada dos fatos (PALHA, 2017), nas entrevistas a tendência foi sempre na direção contrária à essa cultura presentista midiática. Embora embaladas pela aceleração ininterrupta de um presente que se impunha a cada nova manchete, as narrativas de recepção apontaram para uma perspectiva processual e problematizadora no enfrentamento com aquele contexto.

Apesar da Rede Globo ter sido a emissora mais citada/assistida pelos professores, outros canais e telejornais foram mencionados, compondo elementos de uma crítica que enfatizou o protagonismo da grande mídia na construção de um discurso de desmonte das esquerdas, nas figuras dos presidentes Lula e Dilma:

Logo que começou o processo, nas primeiras articulações entorno da possibilidade do afastamento da Dilma, eu sempre achei que a Globo fosse o canal que fizesse uma campanha mais agressiva, mais ostensiva, até que eu vi as chamadas no Jornal da Band e eu fiquei assustada. (...)Acho que foi a primeira vez realmente que eu fiquei assustada com o processo(...) Era um discurso pontual com muitas observações pessoais do repórter, ele falando que "eu sempre tive a impressão que esse governo era um governo que tinha pouca durabilidade". Ele entremeava a fala dele com algumas impressões pessoais(...), parecia que ele estava conversando com alguém na sala da casa dele: "olha, eu sou um visionário, eu sempre imaginei que isso fosse acontecer, eu realmente..."(GEANE, 2016)

Se a gente pega, por exemplo, o noticiário da TV Cultura, ele [referindo-se a

um comentarista da área de História] desqualifica o tempo inteiro o governo do PT, como se a gente nunca tivesse tido no Brasil um processo inflacionário, como se a corrupção tivesse sido inventada pelo PT, como se os outros partidos fossem totalmente isentos de tudo que está acontecendo no país. Então, isso me incomoda e continua incomodando...(ELIS, 2016))

E a expressão do Bonner e da outra colega dele... E ele parando: "O ex-presidente falou um palavrão que eu não preciso repetir"... Era de uma hipocrisia... Era como se os brasileiros, se as pessoas não falassem palavrão (...) Então, naquele dia eu falei assim, não! Isso não é jornal, isso não é notícia, isso está extrapolando qualquer coisa. E eu parei. A Globo em sessenta e quatro ela apoiou o golpe, e dessa vez agora ela pariu o golpe! Ela pariu! (BERTA, 2016)

Apesar do gênero telejornalístico ser um dos mais rígidos e formais da televisão, onde a repetição estabelece regimes de segurança e credibilidade junto ao telespectador (MACHADO, 2001), notou-se nas narrativas, a percepção de uma estratégia de aproximação dos âncoras junto ao grande público. A quebra da formalidade discursiva dos telejornais naquele momento

gerou uma nítida recusa por parte dos professores frente a esta "cumplicidade" pretendida. Já a referência à deposição da presidente Dilma como sendo um golpe - ainda que em entre alguns o termo tenha sido apresentado com o gestual das aspas - foi comum no conjunto das memórias e na entrevista da professora Berta, ganhou o tom de uma forte denúncia. Sua indignação está relacionada à edição do *Jornal Nacional* da Rede Globo que veiculou com exclusividade o vazamento do grampo telefônico entre Lula e Dilma a respeito de um termo de posse¹¹. A professora descreveu a forma repulsiva com que recebeu a reportagem, deixando claro que sentiu um mal-estar físico naquele instante da recepção.

Quando foi solicitada aos professores a escolha de um evento ou de uma imagem-síntese daquele contexto vivenciado pelas telas, as narrativas se concentraram no impacto da cobertura das manifestações de rua contra o petismo e a favor do *impeachment* e na própria votação do processo,

¹¹ Termo de posse endereçado a Lula para o cargo de Ministro Chefe da Casa Civil, ocorrido em março de 2016 e visto pela oposição como uma manobra de blindagem do ex-presidente frente às acusações de corrupção em curso.

especialmente o seu trâmite na câmaradosdeputados.Sobreesta última, a associação da votação a algo “bizarro e vergonhoso”, a um “espetáculo de mau gosto”, ou ainda a um “show de horrores” foi recorrente, ao lado da identificação das cenas com programas televisivos de humor, ou de um “deplorável humor”, como nas palavras de Geane: “*um clássico da visibilidade risível da classe política brasileira*”. Essas expressões foram reiteradas ao longo de momentos variados nas entrevistas evidenciando um claro repúdio à espetacularização televisiva daquela cobertura. Espetacularização própria ao sentido dado pelo filósofo Guy Debord (2017), que destacou seu caráter mercadológico e totalitário na sociedade moderna. No relato de Marcílio, outra convergência no grupo: a noção de despreparo dos parlamentares:

O que mais me marcou, foi o dia inteiro em que as emissoras pararam para televisionar o comitê específico da Câmara dos Deputados pra deliberar sobre o impeachment. (...) Aquilo foi um show de horrores... E em maio, logo em seguida, o dos senadores também foi

horível. Mas no da Câmara dos Deputados o despreparo era total. E outra coisa menos divulgada - justamente porque comprometia o lado, abre aspas, “golpista”- foi a postura do Michel Temer.Quando a gente ia assistir aos canais pagos, percebia que não tinha havido uma cobertura adequada sobre o vazamento em áudio das falas do Temer a respeito da “salvação nacional”(…) Claro que ele não usou essa palavra “golpe”, mas isso de não ter havido uma cobertura (...) demonstrou claramente a parcialidade da mídia brasileira nesse processo de impeachment nesses meses todos que a gente tem acompanhado. (MARCÍLIO, 2016)

Essa parcialidade do telejornalismo brasileiro, e em especial o da *Rede Globo de Televisão*, foi mais sentido pelos professores na cobertura dada às manifestações de rua contra o governo de Dilma Rousseff. Elas aconteceram a partir de março de 2015, reunindo quase um milhão de manifestantes entre cento e cinquenta municípios do país, mobilizados pelos grupos *Vem pra Rua*, *Revoltados on line*, partido *Solidariedade*, *SOS Forças Armadas* e o *Movimento Brasil Livre* (MBL), sendo este último o mais propagado pela

mídia. Mais do que a cobertura das manifestações, o discurso televisivo soou como um claro chamamento para as ruas. Ou, nas palavras do professor Licíneo, como “*um show, uma coisa que podia ser propagada de forma tão natural quanto as palavras de incentivo do jornalista*” que ali fazia a sua reportagem. Nesta mesma direção, Elis ao se referir à emissora de maior audiência do país, afirmou:

Todas as emissoras da TV Globo, do grupo Globo, me incomodaram bastante porque eles convocaram praticamente a população pra ir pra rua. Aquelas grandes passeatas que aconteceram, a gente ficava pulando de canal pra ver como que cada um estava tratando do assunto, e a Globo jogava peso em cima de uma convocação, mostrando que a rua estava cheia, no sentido de que então eu também preciso ir pra lá.

A própria suspensão da programação ordinária de algumas emissoras para a ampla cobertura ao vivo das manifestações foi rememorada como um tipo de “janela de acesso” a um momento histórico, do qual todos pelo

dever de cidadania deveriam participar. Se, pelas telas as imagens integravam todos(as) numa grande mancha verde-amarela, o olhar da professora Elis questionou essa unidade pelo fracionamento de classes presente nas ruas, ou ainda, pelo não visto, o não televisionado das manifestações:

*Naquele dia do grande movimento que teve antes do impeachment, em maio, eu estava no Rio de Janeiro. E a televisão convocando todo mundo! Eu imaginei que aquela mancha verde que aparecia nos protestos era uma coisa meio de montagem de TV. E eu estava justamente em Copacabana naquele dia. Olha, era uma mancha verde e amarela mesmo! Era muita gente! Muita gente de classe média alta. Eu não vi negro, na passeata, no Rio de Janeiro, na orla de Copacabana. Todas as pessoas que eu observei pareciam ter um poder de compra grande. Paravam naqueles quiosques caríssimos e pegavam champanhe pra brindar, pegavam vinho pra brindar o impeachment. Mas muitas pessoas de cinquenta anos pra cima (...) **Eu só vi gente de classe média, eu não vi povão. Classe média mesmo!** E as pessoas que estavam no ponto do ônibus, saindo do trabalho, indiferentes ao que estava acontecendo, totalmente... **Essa indiferença me incomodou. Sabe, porque***

dos dois lados só a classe média se prontificando e a população assistindo bestificada, igual à proclamação da República [risos]. (Grifos meus)

A questão de classe levantada pela professora, de formas variadas, também esteve presente em outras entrevistas, como na de Regina:

*Então me dá muita tristeza, porque você vê as pessoas querendo jogar no lixo tanta coisa que foi positiva, tanta coisa que foi boa, e **por uns discursos absurdos como o de achar ruim da empregada poder fazer uma viagem de avião... Uma elite que não quer largar o osso, não quer largar o osso. Então, eu acho que é um momento muito triste.** (REGINA, 2016. Grifos meus)*

Nos trechos selecionados, o manifestante que se refresca com champanhe na orla de Copacabana e a representação da afronta sentida pela patroa quando a empregada viaja de avião, são dimensões emblemáticas da disputa simbólica pela distinção de classes que se viu naquele contexto. Parte significativa das frações médias urbanas foi para as ruas e para os plenários políticos, mobilizados por um claro desconforto com

a redução de sua distância da linha dos pobres, em meio ao crescimento de um discurso de extrema-direita, que condenava as políticas sociais de esquerda e pregava o conservadorismo no campo dos valores morais. Mais do que na televisão, nas telas das redes sociais a “ampliação do politicamente dizível” (MIGUEL, 2018, p.26) fomentou ainda lutas acirradas na divisão política que se desenhava no país, num movimento sentido pelos professores de forma extremamente desgastante, seja como cidadãos, seja como profissionais de ensino.

Das telas às salas: “Quem escolhe o partido político aqui em casa sou eu”

A última parte da entrevista teve como foco o ambiente escolar. Foi o momento de uma partilha dolorosa. Muitos cenários foram narrados com o gravador desligado, respeitando relatos sensíveis sobre desavenças políticas entre colegas e também de práticas policialescas em torno da ação docente,

apontando para uma forma factível do fantasma persecutório da Escola sem Partido. Havia a preocupação sobre o que falar e o que não falar com os colegas de profissão e especialmente em sala de aula com os alunos. As redes sociais foram abordadas como um sinalizador de tempos neste momento. Regina, que não possui redes sociais, destacou algo reiterado nas falas do grupo: o fato de que a pluralidade política antes da internet não vinha com tamanho peso, que as questões “*não eram faladas ou apresentadas vinte e quatro horas por dia e de uma forma tão agressiva*”. Além disso, as redes sociais deram uma ampliação para o posicionamento dos professores na arena social, o que reverberou por vezes na comunidade escolar como forma de se atestar uma pretensa falta de imparcialidade dos profissionais de ensino. As palavras da professora Berta ilustram com detalhes esse quadro. Em sua entrevista, a professora descreveu várias situações em que teve de administrar conflitos em seu facebook - seguido por mães de alunos da rede privada de ensino – e narrou suas inquietações

na relação com uma turma após a votação do *impeachment* :

No dia depois da votação, daquele domingo fatídico de dezessete de abril, que é um dia que eu quero esquecer, mas não dá... eu estava muito chateada. Mas eu tinha que trabalhar e então todo mundo na segunda-feira de manhã, em todas as salas que eu entrava perguntavam: “vamos falar de política?” E eu: não vamos (...) eu não vou conversar porque **eu sou contrária ao que aconteceu, vocês sabem**, e se eu explicar porque eu sou contrária vocês vão chegar em casa e vão falar outra coisa, e eu não quero esse conflito. (...)

E na sequência, sobre uma reclamação ocorrida junto à escola por um representante dos pais de alunos pouco tempo após esse episódio:

(...) Creio que foi alguém lá, pelo o que ela [representante da coordenação da escola] falou, bateu na mesa e disse: “**quem escolhe o partido político aqui em casa sou eu**”. Então, a minha simples presença do outro lado incomodava, entendeu? Aí quando eu deixei livre, afirmando que não tinha mais condições de dar aula pra essa turma, a diretora e a coordenadora bateram na mesa e falaram assim: “os pais não mandam aqui e eles não querem que você deixe de ser professora dos filhos deles. **Eles só querem que você não os influencie**”. Mas isso é impossível, eu estou dando Getúlio Vargas... É impossível... (Grifos da pesquisadora).

Sobressai no contexto da narrativa, o quanto a polarização política no país fomentou disputas em torno da referências simbólica do professor. Independentemente da vinculação de Berta a um partido político - o que, no transcorrer da entrevista, a professora afirmou ser de conhecimento geral - a narrativa remete ao lugar do seu *habitus* profissional, ao tipo de “re-conhecimento” que os alunos construíram a seu respeito ao longo de sua trajetória no espaço escolar. Assim, ainda que a abordagem do *impeachment* não tenha sido debatida abertamente com a turma, o incômodo do representante dos pais foi pelo peso da influência política da “professora de história”, entendida como uma entidade social legitimada entre os alunos. Um reconhecimento ainda mais projetado pelo uso das redes sociais, no qual a linha tênue entre o professor e o cidadão instrumentalizou a artilharia pesada voltada contra os docentes. Algo que nesse caso a administração da escola pareceu confirmar, ao esperar que a professora simplesmente ensinasse sem influenciar seus alunos. Diversificados foram os relatos neste sentido, com pais denunciando professores por proselitismo e doutrinação ideológica. Em particular, na abordagem de conteúdos que passaram a ser disputados no campo das memórias, como o período de Getúlio Vargas e o golpe civil-militar de 1964, em que ainda pesou sobre este último, um certo negacionismo histórico em algumas salas de aula. Além das chaves acionadas pelos conteúdos programáticos, discursos motivados por uma moral conservadora também foram muito citados. Paula, que trabalha tanto na rede privada como na pública, disse ter percebido neste sentido, uma maior polarização entre os alunos de classe média do setor privado de ensino:

A televisão está massacrando os meninos com esse discurso que bandido bom é bandido morto, que quem é gay é contra a família. Quando eu falo pra eles [sobre a redução da maioria penal], então vocês querem essa aprovação para vocês serem presos? E eles: “Não! Porque a gente não comete crime”. (...) Ou seja, o bandido é sempre o jovem de periferia, eles não!” (...) Eu vejo muito também essa dicotomia entre o Brasil vermelho e o Brasil verde e amarelo. E eu falo para

eles: O meu Brasil é vermelho sim, é vermelho pelas lutas sociais, em respeito às pessoas que morreram para que hoje eu tivesse esse salário mínimo, carteira assinada, décimo terceiro...isso aqui no Brasil e no mundo. O vermelho não é uma coisa do PT, é dos movimentos sociais. E o meu Brasil é verde-amarelo sim, mas ele é gay, ele é LGBT, ele é mulato, ele é negro, ele é verde-amarelo, ele é vermelho, ele é azul... (PAULA, 2016. Grifos meus)

Na história oral, tão importante quanto o evento lembrado, é a atitude do narrador a seu respeito, é a forma do seu investimento junto à história (PORTELLI, 1993). Em nenhum momento das entrevistas foi solicitada pontualmente uma avaliação prospectiva sobre o país a partir da recepção das mensagens, mas a atitude dos professores estava lá, de maneira muito explícita, como neste trecho da entrevista de Paula. Na ocasião de sua escuta, perguntei-me o quanto sua fala trazia parte de uma tensão que eu pude acompanhar ao longo dos encontros com o grupo, mas também como seu tom resolutivo, sua gesticulação precisa, sua postura de prontidão crítica era representativa daquela identidade profissional. Questionando a falta

de alteridade no discurso dos alunos e buscando o passado das lutas sociais, a professora investia em sua relação com a própria história, ou com uma outra história como projeto de país. Apesar do peso que a crise da democracia representativa lhes causava, esse investimento esteve sempre presente, seja diante das telas em que a postura do telespectador se somava à do professor, seja nas mediações próprias dos narradores com o espaço escolar. Como bem nos lembrou Tardif (2008, p.56), ao ensinar por décadas uma pessoa “*não faz simplesmente alguma coisa, ela faz também alguma coisa de si mesma*”, carrega as marcas dessa trajetória profissional.

Considerações provisórias sobre o percurso

Por mais individualizada que pareça, a recepção televisiva é sempre fruto de um processo altamente culturalizado pela interlocução com grupos de pertencimento, onde as experiências com as telas são partilhadas e qualificadas. É a partir dessa segmentação de

audiência que se pode pensar no conjunto das memórias desta pesquisa por um habitus profissional diretamente ligado à função formativa do conhecimento histórico. Para Rüsen, apesar desta função formativa não ser exclusiva dos historiadores/professores - na medida em que expressam uma efetiva necessidade de compreensão do mundo e de si na orientação da vida prática de todos os indivíduos - entre estes profissionais existe uma apropriação específica dessa orientação, pelos potenciais racionais da história como ciência (RÜSEN, 2015). Nessa perspectiva, um primeiro olhar sobre as memórias dessa recepção requer considerar a especificidade da televisão na condição de veículo massivo e dos produtos telejornalísticos enquanto textos de circulação de uma memória pública. A televisão como meio de comunicação foi representada pelo prisma de um "poder" na arena social e a busca pela informação nos canais abertos pela perspectiva de um caminho privilegiado - apesar de não exclusivo - para se estabelecer o contato com a agenda política nacional, e também como "termômetro" para se entender a formação da opinião pública no país. Especificamente sobre os telejornais, é preciso lembrar de que, como textos, eles se constituem numa promessa discursiva de acesso "ao mundo real" (JOST, 2004). Neste gênero, os fatos são veiculados como que revestidos de seu caráter "original" - especialmente nas tomadas "ao vivo" - numa espécie de janela do imediato da própria história. Assim, seus critérios dominantes de sentido estão ligados às instâncias cognitivas (verdade) e morais (ética), em que a notícia é vendida ao grande público como uma verdade baseada no postulado ético da isenção. Nas memórias de recepção dos professores, essa promessa ontológica do jornalismo foi especialmente questionada e problematizada. A notícia como verdade foi reiteradamente desconstruída, fazendo emergir seus interesses e condicionamentos políticos. A prática do zapear esteve menos associada à busca por programas de preferência e mais próxima de uma tática de comparação entre as linhas editoriais dos telejornalísticos dos canais

abertos e pagos, e destes com os sites e blogs da internet, que se mostraram para alguns como uma importante alternativa ao discurso da mídia hegemônica. Outra característica comum ao gênero é o da fragmentação seletiva dos eventos tornados notícias, que na maioria das vezes são socializados numa engrenagem sem maiores vínculos com a conjuntura a que pertencem. Desta maneira, somos informados de tudo um pouco para que no fim não sejamos informados de muita coisa (BOURDIEU, 1997, p.23). Na recepção, essa superficialidade teve o contraponto de narrativas marcadas pelo domínio de uma espessura temporal mais densa e problematizadora, num exercício crítico de busca pela inteligibilidade das notícias e do seu contexto. Se o presentismo midiático tende a reduzir os fatos à mercadoria, ao sabor dos frankfurtianos, as narrativas de memória do grupo invariavelmente os interrogaram.

Para Rüsen, ao passo que as memórias estão cravadas no tempo presente, a consciência histórica tende a abrir esta relação para o futuro. Unidos pelo universo das esquerdas, os professores que

se arriscaram a pensar o país dali pra frente, o fizeram sob o limiar de uma derrota anunciada, mas também como um pronto desafio. E daí um ponto central do habitus profissional em questão, numa área tão combatida quanto a da história: a capacidade de enfrentamento do passado como experiência. Um enfrentamento capaz de nos revelar “o tecido da mudança temporal dentro da qual estão presas as nossas vidas e as perspectivas futuras para as quais se pode dirigir a mudança” (RÜSEN, 2010, p. 57). Eis o desafio.

Fontes

BERTA, E. Entrevista concedida à Cássia Louro Palha e à C thia de Oliveira para a pesquisa "A televisão nas memórias de professores de História", Juiz de Fora (MG), em 13 de agosto de 2016.

CLAUDIO, C. Entrevista concedida   Cássia Louro Palha para a pesquisa "A televisão nas memórias de professores de História", Juiz de Fora (MG), em 13 de agosto de 2016.

ELIS, E. Entrevista concedida   Cássia Louro Palha para a pesquisa "A televisão nas memórias de professores de História", Juiz de Fora (MG), em 15 de agosto de 2016.

GEANE, G. Entrevista concedida   Cássia Louro Palha para a pesquisa "A televisão nas memórias de professores de História", Juiz de Fora (MG), 02 de setembro de 2016.

JUAREZ, J. Entrevista concedida   Wellington Martins para a pesquisa "A televisão nas memórias de professores de História", Santo Ant nio do Pinhal (SP), em 06 de setembro de 2016.

L NEO, L. Entrevista concedida a Humberto Viana para a pesquisa "A televisão nas memórias de professores de História", Pitangui (MG), em 03 de setembro de 2016.

MARCÍLIO, M. Entrevista concedida   Cássia Louro Palha e C thia de Oliveira para a pesquisa "A televisão nas memórias de professores de História", São João del Rei (MG), em 30 de agosto de 2016.

PAULA, P. Entrevista concedida   Cássia Louro Palha para a pesquisa "A televisão nas memórias de professores de História", Juiz de Fora (MG), em 02 de setembro de 2016.

REGINA, R. Entrevista concedida   Cássia Louro Palha e a C thia de Oliveira para a pesquisa "A televisão nas memórias de professores de História", São João del Rei (MG), em 16 de setembro de 2016.

CHAGAS, Araújo. Planalto: Lula assinou termo de posse antes porque poderia se ausentar da posse. Agência Brasil. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2016-03>. Acesso em 18/03/2016.

Referências

ALBERTI, V. Fontes orais: histórias dentro da história. In: PINSKY, C.(org) Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005. pp-155-202.

BARBERO, G. *Dos meios às mediações*. Rio e Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

BOURDIEU, P. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. (org).; *Sociologia*. Trad. Paulo Montero e Alicia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983. p. 46-81

_____. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BUCCI, E. *A forma bruta dos protestos: das manifestações de junho de 2013 à queda de Dilma Rouseff em 2016*. São Paulo; Companhia das Letras, 2016.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Contraponto, 2017.

DEMIER; HOEVELER (orgs.) *A onda conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 2016.

DOSSE, F. *Renascimento do acontecimento: um desafio para o historiador, entre esfinge e a fênix*. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

GALLEGO, E. (org). *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.

GOHN, M. *Manifestações e protestos no Brasil: correntes e contracorrentes na atualidade*. São Paulo: Cortez, 2017.

HALBAWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

IANNI, O. O Príncipe Eletrônico. In: IANNI, O. *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

JOST, F. *Seis lições sobre televisão*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

MACHADO, A. *A televisão levada a sério*. São Paulo: Senac, 2001.

- MACHADO; TOLEDO (orgs.) *Golpes na história e na escola*. São Paulo: Cortez e ANPUH/SP, 2017.
- MATTOS, BESSONE, MAMIGONIAN (orgs.) *Historiadores pela democracia: o golpe de 2016 e a força do passado*. São Paulo: Alameda, 2016
- MIGUEL, F. A reemergência da direita brasileira. In: Esther Solano Gallego (org) *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018, pp.17-26.
- MIRANDA, S. Aprender e ensinar o tempo histórico em tempos de incertezas: reflexões e desafios para o professor de história. In: GONÇALVES; ROCHA; REZNIK; MONTEIRO (orgs.) *Qual o valor da história hoje?* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, pp.241-262.
- MOTTA, R. O lulismo e os governos do PT: ascensão e queda. In: FERREIRA; DELGADO (orgs.) *O Brasil Republicano: o tempo da Nova República: da transição democrática à crise política de 2016*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, pp. 415-445.
- NORA, P. O retorno do fato. In: LE GOFF; NORA. (org) *História: Novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2ª edição, 1979.
- OROZCO, G. *Educomunicação: recepção midiática, aprendizagens e cidadania*. São Paulo: Paulinas, 2014, p.40.
- PALHA, C. Fontes telejornalísticas nos domínios de Clio. In: Busetto. (org) *História plugada e antenada: estudos históricos sobre mídias eletrônicas no Brasil*. Curitiba: Appris, 2017, pp-247-266.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: vol 5, nº10, 1992, p. 200-2012.
- PORTELLI, A. Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 41-58, dez. 1993.
- ROUSSO, H. A memória não é mais o que era. In: AMADO; FERREIRA; (coord.). *Usos & abusos da história oral*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002, pp. 93-101.
- RÜSEN, J. *Teoria da História: uma teoria da história como ciência*. Curitiba: Editora UFPR, 2015.

_____. O desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica. In: SCHMIDT; BARCA; MARTINS (org) *Jorn Rüsen e o ensino de História*. Curitiba: Ed.UFPR, 2010,p.57.

SIRINELLI, J. A geração. In: AMADO; FERREIRA. (coord.) *Usos e abusos da historia oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. 9ª. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2008.